

O telejornalismo narrado nas pesquisas e a busca por cientificidade: A análise da materialidade audiovisual como método possível¹

Iluska Maria da Silva Coutinho²
Universidade Federal de Juiz de Fora

Resumo

Os programas jornalísticos veiculados na televisão, ainda que objeto de críticas, mantem sua centralidade como forma de informação no Brasil. O telejornalismo constitui-se também em objeto de investigações e de artigos científicos, que buscam desvendar e interpretar seus processos de produção, edição e circulação, e contribuir para o desenvolvimento de uma teoria ou epistemologia do jornalismo audiovisual. Nesse artigo reflete-se sobre como os telejornais tem sido narrados, tendo em vista os procedimentos metodológicos e técnicas utilizados para legitimar cientificamente o conhecimento produzido. O estudo tem como base pesquisa documental e um corpus de 224 artigos científicos. Propõe-se ainda a análise da materialidade audiovisual como método possível, e capaz de associar o fazer científico às especificidades dos produtos telejornalísticos.

Palavras-chave

Telejornalismo; Narrativa; Materialidade audiovisual; Método; Análise.

Primeiras pistas

Principal meio de informação de significativa parcela dos brasileiros, o telejornalismo tem sido na contemporaneidade foco de uma série de críticas, e de debates, que tomam fluxo nas, e pelas redes sociais digitais. No caso brasileiro esse processo foi potencializado também com questionamentos acerca do lugar e papel do jornalista³, e mesmo dos limites do jornalismo como forma de conhecimento face aos aspectos econômicos e mercadológicos que orientam as empresas, sobretudo em momentos de acirramento político e social, como os experimentados desde julho de 2013.

Na cobertura de manifestações políticas muitas emissoras investiram em estratégias de proteção de suas equipes, como a retirada ou ocultação de canoplas⁴, ou ainda a escolha de locais mais seguros para registro e relato dos acontecimentos, como sacadas de prédios, por exemplo. Esses tensionamentos, narrados nas redes sociais e meios digitais, foram

¹ Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, XVI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista e pós-doutora em Comunicação, atua como docente no curso de Jornalismo e no PPGCOM-UFJF. Coordena o Laboratório de Jornalismo e Narrativas Audiovisuais (CNPq) e desenvolve pesquisas sobre Televisão, Pluralismo e Cidadania, com financiamento da Fapemig e do CNPq. iluska@globo.com

³ Um desses casos ocorreu em 24/4/14 quando a repórter Bette Lucchese foi hostilizada por pessoas que protestavam contra a ação da polícia na investigação da morte do dançarino Douglas Rafael da Silva Pereira. A jornalista havia discutido com o cinegrafista e todo o episódio foi gravado, e o vídeo compartilhado nas redes sociais digitais.

⁴ Canopla ou microphone flag é a peça que contém o logotipo de uma emissora, e que envolve o microfone. No Brasil elas começaram a ser utilizadas na década de 1960.

também analisados em textos científicos, como os reunidos no segundo volume da coleção *Jornalismo Audiovisual*, organizada por membros da Telejor, Rede de Pesquisadores de Telejornalismo. Em #telejornalismo: nas ruas e nas telas, pesquisadores de jornalismo televisivo argumentavam que: "(...) os noticiários de televisão precisaram também re-inventar parte de suas rotinas durante as manifestações" (PORCELLO, VIZEU & COUTINHO, 2013, p. 16).

Sejas nas ruas, nas telas de diferentes suportes, e cada vez mais também nas redes sociais digitais, o telejornalismo, que firmou-se no Brasil como uma forma de contar os fatos (re)conhecida e credível pelo espectador, também é narrado, em comentários, críticas, estudos e pesquisas que vão tecendo também modos particulares de uso, fruição e saber sobre os mundos, da mídia e do jornalismo. No âmbito desse artigo a proposta desloca-se para um tipo de narrativa sobre o telejornalismo em particular, aquela realizada por pesquisadores dedicados à temática, que em muitos casos são também jornalistas que experimentaram a prática profissional em televisão. As seguintes questões são o ponto de partida para o estudo aqui empreendido: como busca-se construir a cientificidade na pesquisa em telejornalismo? quais são os métodos e técnicas mobilizados, e validados, nas reflexões sobre o jornalismo audiovisual?

Assim, em um momento inicial apresenta-se os procedimentos e resultados de uma pesquisa documental que tomou como universo de investigação os trabalhos apresentados no Grupo de Pesquisa de Telejornalismo da Intercom desde sua criação, em 2009, e reunidos nos anais dos Congressos Nacionais da entidade, totalizando um corpus de 224 textos. O segundo eixo do artigo é resultado de pesquisa bibliográfica, e evidencia reflexões sobre a temática da metodologia de pesquisa em telejornalismo que mobilizaram pesquisadores referência em seu estudo e resultaram em capítulos de livros e publicações em periódicos. Na terceira e última seção defende-se a Análise da Materialidade Audiovisual como um método possível para a realização de estudos científicos sobre o jornalismo televisivo, sem perder de perspectiva suas especificidades como produto e experiência social.

Construção do saber acadêmico em telejornalismo: A reflexão metodológica como ausência

Constituído em 2009, com suas primeiras sessões realizadas no congresso nacional de Curitiba (PR), o grupo de pesquisa (GP) Telejornalismo agregou pesquisadores doutores e em formação, e permitiu o estabelecimento de uma esfera de debates sobre o tema, que contribuiria para o aumento crescente do número de trabalhos sobre jornalismo televisivo. "Ao todo, entre 1999 e 2009 foram apresentados 124 trabalhos tendo como foco o Telejornalismo (...) sendo visível a potencialização das reflexões a partir da constituição do Grupo de Pesquisa" (COUTINHO, 2011). Essa reflexão, que tomou os anais dos congressos da Intercom como base de dados, considerando os textos apresentados nos núcleos e grupos de pesquisa, foi ampliada em 2014, em estudo exploratório de Edna Mello. Caracterizado pela autora como uma pesquisa quali-quantitativa aliada à análise de conteúdo, ao levantar os textos apresentados na Intercom sobre o telejornalismo entre 2009 e 2013 percebeu-se a "(...) consolidação da produção científica sobre o jornalismo televisivo que registrou 255 trabalhos nos últimos cinco anos, crescimento significativo em relação a levantamento anterior" (MELLO, 2014).

Esses dois estudos anteriormente realizados também apontaram aspectos relativos aos temas privilegiados pelos autores, objetos de estudo empírico mais recorrentes e sinalizaram a existência de uma fragilidade na descrição e discussão metodológicas. Na verdade em muitos casos a reflexão metodológica se apresentava como ausência nos trabalhos que constituíram o corpus empírico dos dois levantamentos empreendidos. Como a metodologia empregada foi uma das variáveis do estudo de Edna Mello, a pesquisadora recorreu à inferência como forma de desvelar os procedimentos metodológicos:

(...) merece destaque a ausência de descrição dos métodos de pesquisa e de análise de resultados que nortearam o caminho do pesquisador na grande maioria dos trabalhos, embora seja perceptível a importância que o método desempenhou no trabalho apresentado. É possível inferir que existe uma dificuldade em nomear os processos adotados, muito embora os procedimentos tenham sido adotados. Talvez essas ocorrências reforcem a necessidade de obras que discutam as características do jornalismo de televisão, as teorias e os métodos de pesquisa afeitos a esse campo (MELLO, 2014, p. 13).

Também o levantamento realizado em 2011 revelava a questão metodológica como um sintoma de uma construção particular do conhecimento científico sobre o telejornalismo e "(...) uma recorrente presença de trabalhos que se propõem a refletir sobre modos de olhar, e compreender os noticiários de televisão, com vistas ao estabelecimento de uma metodologia particular para analisar esse tipo de produção" (COUTINHO, 2011). Em linhas

gerais essa ausência repete-se na pesquisa documental agora empreendida, tomando como recorte temporal o período entre 2009 e 2015, que tomou exclusivamente os trabalhos apresentados no gp telejornalismo como universo de investigação. Antes de descrever os resultados, apresentamos uma suspeita que - embora não mereça aqui o status de hipótese científica - pode contribuir na reflexão sobre o lugar que o próprio narrador ocupa nessa história que também se tece do campo de estudos, este de pesquisa em telejornalismo.

Os pesquisadores em telejornalismo em sua maioria partilham além do interesse temático uma trajetória de vida que inclui a vivência nas redações de telejornais, a experiência profissional no jornalismo televisivo. Esse campo comum de experiências compartilhadas estimulou a constituição inclusive da Telejor que reúne "(...) jornalistas com passado e presente em telejornalismo (...) pessoas que lidam com o jornalismo de televisão há décadas e que hoje dedicam-se a estudar, pesquisar, dar aulas e contribuir para uma melhor reflexão sobre o tema." (PORCELLO, VIZEU & COUTINHO, 2013, p. 16).

Quais seriam as marcas que esse universo de partilha comum inscreveria também nas narrativas das pesquisas em telejornalismo? Em que medida ele guardaria relações com a memória das práticas desses estudiosos como jornalistas, de televisão? As respostas a essas questões poderiam ajudar a compreender as lacunas nas descrições metodológicas também a partir das rotinas profissionais em telejornalismo, dos textos produzidos e veiculados audiovisualmente. Isso porque na identidade do profissional em (Tele)Jornalismo uma expressão tornou-se quase senso comum: "jornalista não é notícia". A partir dessa regra-orientação partilhada no campo profissional, apresenta-se nos relatos jornalísticos mais respostas que perguntas ou procedimentos de apuração e construção da notícia⁵.

Jornalistas-pesquisadores, os estudiosos do telejornalismo parecem trazer em suas narrativas parte de sua inscrição nesse campo profissional. O apagamento das reflexões sobre os métodos e seus limites poderia assim ser relacionado a um efeito de sentido inscrito nos modos de narrar o telejornalismo, também em textos científicos. Há por certo o recurso de identificação das fontes, que surgem tanto como evidências de levantamento bibliográfico, como de realização de entrevistas com especialistas, nesses estudos representados por editores, apresentadores, repórteres, cientistas e telespectadores (os últimos valorizados sobretudo nas buscas por escuta da audiência). Por outro lado, não se

⁵ Ainda que Antônio Fausto Neto (2009) defenda um processo de midiatização do jornalismo, e que programas como Profissão Repórter, se dediquem a mostrar "os bastidores da notícia", o destaque para o conteúdo apurado ainda é hegemônico, na prática e no ensino de Jornalismo.

mencionam em geral as razões ou critérios para as escolhas realizadas, e tem-se de maneira bastante tímida, quando existente, o relato procedimentos de tratamento e interpretação dos dados. Esse processo, que poderíamos considerar de naturalização dos dados, pode constituir-se como fragilidade epistemológica na construção da cientificidade das pesquisas em telejornalismo, perspectiva que retomaremos adiante no artigo.

A pesquisa documental que dá suporte, e mesmo justifica a proposta de busca por uma metodologia "para chamar de nossa"⁶, foi realizada tomando como universo de investigação os anais dos sete congressos nacionais da Intercom realizados entre 2009 e 2015, e especialmente os trabalhos apresentados no GP Telejornalismo. Dessa maneira o corpus da pesquisa totalizou 224 artigos científicos. O levantamento em cada um desses textos teve como foco a identificação dos métodos e técnicas de pesquisa utilizados por cada um dos autores, para coleta, tratamento e análise dos dados obtidos.

Quanto aos procedimentos metodológicos utilizados, inicialmente buscou-se identificar tais presenças ou ausências no texto dos resumos dos trabalhos apresentados. Isso porque, de acordo com os princípios de metodologia científica, os resumos devem indicar o problema de pesquisa assim como os referenciais teórico-metodológicos e técnicas de pesquisa e análise utilizados. Porém, de maneira geral, os resumos dos trabalhos analisados não atendem a esses requisitos, aproximando-se mais de um texto que poderia ser associado a uma "cabeça de apresentador", texto lido em estúdio para anunciar uma matéria ou reportagem a ser veiculada a seguir. Em outras palavras, ao invés de evidenciar a pergunta e os percursos trilhados para responder à questão de pesquisa, os autores-jornalistas apresentam o que poderíamos chamar de lead⁷ do artigo científico.

Considerando o total de 224 trabalhos analisados, apenas 73 textos (32,6%) mencionam no resumo métodos, técnicas ou procedimentos de pesquisa utilizados na elaboração do artigo. Ainda que com exceções, que muitas vezes legitimam uma espécie de regra, a maioria dos casos nos quais os aspectos metodológicos de pesquisa são referidos nos resumos tem como autores pesquisadores em formação, doutorandos e sobretudo, mestrandos. Talvez por isso, essa inserção no texto do resumo não se concretize na quase totalidade dos casos investigados como uma efetiva reflexão inscrita no artigo completo sobre as potencialidades e limites do método para a pesquisa em jornalismo audiovisual.

⁶ A referência aqui é ao livro "Um telejornal para chamar de seu", de autoria de Jhonatan Mata (Insular, 2013), que apresenta os resultados de sua dissertação de mestrado em Comunicação, defendida no PPGCOM-UFJF.

⁷ Primeiro parágrafo da notícia, de acordo com o modelo da pirâmide invertida, o lead deve responder a perguntas como: o que, quem, quando, onde, como e porque. As duas últimas perguntas, eventualmente poderiam ser respondidas no parágrafo seguinte, o sub-lead, apesar de autores como Lago Burnett criticarem esse adiamento, e mesmo a existência dessa complementação.

Assim, ainda que o percentual de trabalhos nos quais os aspectos metodológicos não são mencionados no resumo do artigo alcance 67,41%, parece importante registrar que mesmo naqueles em que o registro é feito há carências de maior problematização. Isso se evidencia por exemplo, tanto nos dados quantitativos que emergem do levantamento, quando em uma análise qualitativa destes textos.

O procedimento metodológico mais mencionado no universo de sete congressos nacionais analisados é a análise de conteúdo (23,3% dos registros totais ou 17 menções), com diversas referências ao autor Laurence Bardin. Apesar disso, a maioria dos textos não tensiona as formas de utilização do método, nem seu lugar, não explicita se este se insere no processo de coleta ou de análise dos dados obtidos, ou ainda em ambos. Também aparece como aspecto problemático nos artigos analisados, a predominância de um dos elementos do código televisual (texto, som, imagem, edição) nas etapas de descrição e análise, sem que essas escolhas ou consciência dos limites delas resultantes seja problematizada. Há também casos em que as categorias analisadas, mesmo tendo como referência aspectos relevantes e teoricamente sólidos, não parecem dar conta da complexidade da narrativa audiovisual, e informativa do telejornalismo. Vale ressaltar que, no período de sete anos que constitui o recorte temporal da amostra, apenas no congresso realizado em Caxias do Sul, não houve referência à utilização da análise de conteúdo como método nos resumos investigados⁸.

As entrevistas surgem como segunda referência à metodologia mais citada, embora mais do que um método, possamos caracterizá-la como uma técnica de coleta de dados. Talvez também por isso, nos 15 resumos (20,5% das respostas) em que a entrevista foi inscrita não há qualquer referência aos procedimentos de análise ou interpretação das informações obtidas por meio da aplicação dessa técnica. Merece ainda uma reflexão quanto ao fato de que a entrevista é uma atividade também relacionada ao campo profissional do jornalismo. Ainda que em três casos haja referência ao termo história oral, na maioria das citações, quer no resumo ou no corpo do texto, não há questionamentos acerca da particularidade da entrevista como procedimento científico, e suas limitações. Em outras palavras, também nesse caso não ocorre uma reflexão de caráter metodológico sobre o uso desse tipo de procedimento na pesquisa em telejornalismo.

⁸ No XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado na UCS (RS), 21 dos 30 trabalhos apresentados no GP Telejornalismo não mencionaram métodos ou técnicas de pesquisa em seus resumos. Naqueles em que a metodologia foi registrada, apontaram utilização de: entrevista (4); análise de discurso (2); análise semiótica (1); análise de enquadramento (1).

Análise de discurso e observação são os outros dois procedimentos mais mencionados, com 17,8% e 13,7% das referências no universo de 73 trabalhos nos quais a descrição de algum aspecto metodológico constava do resumo do artigo. Em relação à análise de discurso percebe-se a predominância da corrente francesa, sendo Michel Foucault o ator mais presente nesses artigos. A presença dessa abordagem teórico-metodológica já havia sido apontada no levantamento realizado por Edna Mello (2014); mas também nesse caso não são realizados questionamentos acerca das potencialidades desse tipo de estudo para a pesquisa e análise de produtos e processos de jornalismo audiovisual. Nesse sentido, a adequação da metodologia ao tipo de material a ser analisado é tomada como pressuposto, e não problematizada. O mesmo ocorre com a observação, ainda que nesse caso eventualmente a citação mencione uma tipologia distinta, caracterizando o procedimento em alguns casos como observação participante.

Também inscritos nesse mesmo tipo de perspectiva, apenas de indicação do procedimento metodológico, sem a reflexão sobre seu uso, registram mais de uma menção no universo de resumos e artigos investigados os seguintes métodos e técnicas: pesquisa documental (6,8%); questionários/ sondagem (6,8%); análise semiótica (5,5%); estudo de caso (5,5%) e grupo focal (4,1%).

Em uma tentativa de ampliar o escopo do levantamento, em um segundo momento recorreu-se a artigos científicos publicados em periódicos e capítulos de livros, que tivessem como proposta a reflexão sobre a pesquisa em telejornalismo, seus métodos e caminhos. É o caso de artigo de Becker (2015), que propõe-se a revelar o estado da arte da pesquisa em jornalismo audiovisual no Brasil por meio de mapeamento realizado entre 2014 e 2015 em dez distintas fontes de análise. Os resultados encontrados pela autora são semelhantes ao levantamento acima apresentado, com o silenciamento quanto às "dimensões teórico-metodológicas" na maioria dos resumos. Nas referências que segundo a autora foi possível identificar ressaltam-se quanto ao método: análise do discurso; semiótica e análise de conteúdo. O texto ainda salienta as complexidades impostas pelo ambiente contemporâneo de produção e circulação de conteúdos jornalísticos audiovisuais.

(...)Estudar a televisão e os telejornais hoje é bem mais complicado do que há 20 ou 10 anos. (...)desafia nossa capacidade de adotar um mesmo referencial teórico-metodológico que dê conta dessas reconfigurações. Além disso, o avanço dos estudos globais de televisão demanda estudos e descrições mais consistentes (BECKER, 2015, pp 193-194)

Terceiro volume da coleção Jornalismo Audiovisual, organizada a partir da iniciativa de integrantes da Telejor (Rede de Pesquisadores em Telejornalismo), o livro

"Telejornalismo em questão" busca apresentar o percurso teórico-metodológico dos pesquisadores associados. Estruturado em quatro seções - Linguagens e Narrativas; Política e Audiência; Webtelejornalismo e multitelas; História e desafios futuros - a obra oferece uma panorama conceitual e teórico do estudo do jornalismo audiovisual, em diferentes abordagens. A questão metodológica surge como temática colateral, com exceção em dois capítulos nos quais ela assume uma centralidade.

Dessa maneira, Ana Carolina Pessoa Temer apresenta as características da análise de conteúdo como método, e os procedimentos a serem adotados em uma pesquisa sobre o produto telejornalístico. Em diálogo com abordagens sobre gêneros e formatos jornalísticos reflete sobre as potencialidades da aplicação da análise de conteúdo ao telejornalismo. Para a autora o método "(...) funciona como uma forma de desvendar relações ocultas ou pouco claras que determinam as escolhas (...) quando conformada a partir de uma Leitura Crítica da Mídia, é um método e uma ferramenta de pesquisa que alcança grandes resultados."(TEMER, 2014, pp. 42-43).

Já Cárilda Emerim retoma proposta anterior de construção de um percurso de consolidação e credibilidade científica na pesquisa em telejornalismo por meio do compartilhamento de procedimentos metodológicos reconhecidos em outros campos. O trabalho tem a Semiótica Discursiva como fundamento, e apresenta um método de análise nela inspirado para a pesquisa de produtos telejornalísticos. Em linhas gerais propõe-se estudar os objetos do jornalismo televisivo a partir de suas unidades mínimas, mas sem perder de vista seus contextos, e articulando quatro níveis relacionados entre si: empírico; metodológico; teórico e o diálogo entre as dimensões teóricas e metodológicas.

(...) a metodologia de análise que se adotou emprega modelos preocupados com a análise de produtos midiáticos que os engendram, no que concerne à configuração de sua significação e sentidos. Assim, o método, de inspiração pós-estrutural, é uma análise empírica, de caráter teórico prático, que centra a ênfase no exame do nível discursivo, considerando a televisão e seus produtos a partir de seu contexto. (EMERIM, 2014, p.113).

A autora ainda acrescenta que o método está em desenvolvimento e testagem, e salienta a importância de, ao pensar em uma metodologia para a análise do telejornalismo, reconhecer o papel, as funções, as especificidades e características fundantes do jornalismo televisivo.

A proposta que apresenta-se a seguir dialoga com os dois últimos percursos metodológicos apresentados, sobretudo quanto à busca pelo desenvolvimento e legitimação das narrativas sobre o telejornalismo resultantes de pesquisas científicas. Outra perspectiva comum é a procura de um método que torne possível analisar o jornalismo audiovisual

considerando as particularidades de seus produtos, em sua dimensão material e estética, mas incluir também os sentidos que deles emergem, e nos quais estão inscritos em seus processos de produção e circulação.

A análise da materialidade audiovisual como proposta

Se o Jornalismo é apontado por alguns como uma forma conhecimento e dar a ver o mundo, muitas vezes sendo compreendido como tradutor de diferentes saberes, que se inscrevem nas notícias e seus processos, um dos desafios dos estudiosos do telejornalismo é exatamente o de tradução de diferentes códigos, níveis e estruturas implicados na experiências de produção, oferta e consumo do jornalismo audiovisual. Tal constrangimento se verifica na maioria absoluta dos 224 artigos que compuseram o levantamento empreendido, nos quais a pesquisa incluía a avaliação de um produto ou peça telejornalística.

Em linhas gerais podemos considerar que o maior volume de pesquisa no campo do jornalismo audiovisual envolve a avaliação de um produto midiático, ainda que a partir de diferentes ênfases ou perspectivas teóricas. Nessa perspectiva poderíamos considerar que o pesquisador comporta-se em certo sentido como um telespectador privilegiado, que desvela estratégias, modos de dizer e sentidos, explícitos ou silenciados, nas narrativas audiovisuais que analisa. Tais processos, envolvem em geral as operações de percepção/ leitura, descrição e julgamento, este último realizado a partir dos referências teóricos e de parâmetros de avaliação. Mas como garantir cientificidade às narrativas que emergem dessas operações de leitura? Quais procedimentos seriam capazes de garantir ou uma certa unidade quanto aos achados e legitimidade a tais procedimentos?

Como nos rituais estratégicos a que refere-se Gaye Tuchman (1993) ao abordar a questão da objetividade nos textos jornalísticos, os estudiosos do jornalismo televisivo recorrem ao uso de técnicas de certa forma inscritas em suas memórias profissionais. Nessa perspectiva podemos mencionar o uso recorrente de entrevistas, e do recurso da transcrição das falas tanto das fontes entrevistadas, quanto dos autores referência, nas narrativas que são construídas sobre os telejornais em artigos científicos, teses e dissertações. Também como forma de evidenciar os percursos de leitura, "com a apresentação de provas adicionais" (TUCHMAN, 1993), os pesquisadores com frequência recorrem à inserção de trechos das narrativas de repórteres e das sonoras que integram a peça analisada, tanto em

trabalhos que assumem o uso da análise de conteúdo ou de discurso. Nas duas situações descritas, a dimensão do texto verbal é privilegiada, ainda que muitas vezes os autores busquem reduzir esse predomínio com a seleção também de fragmentos da(s) imagem(ns) que compõem a cena audiovisual analisada. Outras vezes a alternativa encontrada é tentativa de descrição da cena pelo pesquisador, recorrendo a marcadores normalizados e legitimados no campo como: a identificação do enquadramento; das imagens em primeiro e segundo plano (relação fundo/ figura); dos elementos em cena; posição e eventuais movimentos de câmera. Ocorre que, diferente do processo de produção e experimentação no telejornalismo, nessas narrativas que se tecem sobre ele, sons e imagens são apresentados em sequência, ao longo de frases e eventualmente parágrafos que buscam reconstruir/ narrar uma simultaneidade que é articulada no quadro/ frame no jornalismo audiovisual e seus espaços-tempos, agora objetos de análises. Esse(s) momento(s) não pode(m) ser recompostos na narrativa científica, tal como a conhecemos. Seria essa "tradução" uma "traição" ao texto televisivo⁹?

É nessa perspectiva que no âmbito das pesquisas realizadas no Laboratório de Jornalismo e Narrativas Audiovisuais (CNPq-UFJF) tem-se buscado o desenvolvimento de um método denominado de Análise da Materialidade Audiovisual, que tomaria como objeto de avaliação a unidade texto+som+imagem+tempo+edição. Acredita-se que as interpretações de edições de programas jornalísticos ou de parte deles, de uma cobertura particular ou de séries de produtos de jornalismo audiovisual, em uma eventual perspectiva comparativa, não devem realizar operações de decomposição/ leitura, que descaracterizariam a forma de enunciação/ produção de sentido do telejornalismo.

Assim, os procedimentos metodológicos envolveriam inicialmente a identificação do objeto empírico a ser investigado, e o estabelecimento de eixos e itens de avaliação tendo em vista as questões de pesquisa, o referencial teórico utilizado e ainda, mas não menos importante, os elementos paratextuais¹⁰ que se inscrevem em uma determinada materialidade audiovisual. Tais aspectos poderiam em certa medida serem considerados a

⁹ Em geral essa relação entre tradução X traição é atribuída a Walter Benjamin. Apesar disso, é importante destacar que para o autor a traição não tem o sentido negativo do termo no senso comum. Nessa reflexão, ao contrário, ele questiona a incompletude das línguas, o fato de que o modo de nomear é sempre diferente de uma língua para outra. Se o tradutor não deveria buscar a criação de sentidos, já realizada na obra original, a tradução teria uma 'relação de vida' com o texto originário, uma forma de continuação da vida da obra.

¹⁰ O paratexto é um conceito descrito por Gérard Genette (2009), e refere-se ao material que acompanha o texto, e que contribui para sua leitura/ interpretação. Este se dividiria em dois grandes subconjuntos, peritexto e epitexto, sendo o primeiro anterior à obra e o segundo referido a materiais que circulam fora dela. No caso de um livro, por exemplo, capa, orelha e eventualmente blogs, resenhas, seriam elementos paratextuais. Em relação a uma materialidade audiovisual dados como chamadas, vinhetas, a programação do canal, a escalada de abertura e mesmo o texto do apresentador poderiam constituir-se em paratextos, à depender da unidade, objeto empírico em análise.

moldura da avaliação/ análise a ser empreendida, já que permitiriam ao estudioso e mesmo aos leitores das narrativas resultantes de sua pesquisa, compartilharem uma espécie de contrato tácito, que poderia ser associado ao contrato de leitura conceituado por Eliseo Verón (2004) ou mesmo ao modelo da promessa audiovisual, descrito por François Jost (2007).

Nesse sentido, antes de realizar a etapa da análise propriamente dita é importante (re)conhecer quais os sentidos propostos por determinado programa ou produto audiovisual quer para seu público, quer para a própria mídia (canal ou suporte) onde este se inscreve. Na medida em que entende-se que o jornalismo audiovisual é uma forma cultural, essa compreensão pode ser articulada tomando-se por exemplo a perspectiva dos mapas das mediações de Martín-Barbero, em uma abordagem mais sincrônica ou diacrônica, que valorize mais os aspectos relacionadas às lógicas de produção e de uso, das matrizes culturais e formatos industriais, ou ainda que valorize um desses aspectos.

Assim, na medida em que são estabelecidos os eixos de avaliação, é preciso reconhecer, e explicitar na pesquisa as promessas daquele produto audiovisual a ser analisado. Na medida do possível é interessante identificar como essas propostas são apresentadas, em termos audiovisuais mas não apenas¹¹, o que pode contribuir para o desenho da análise, mas também para realização de inferências e mesmo de interpretações de eventuais fluxos relacionados à experiência de circulação e consumo daquele material audiovisual. Estes poderiam ser percebidos pelo analista, por exemplo, a partir de comentários no site/ canal digital, postagens em redes sociais, críticas midiáticas ou em blogs e fóruns de discussão, re-edições e circulações em vídeo digital de parte do material, entre outros espaços de comunicação, e observação.

Realizada essa etapa preliminar na qual o produto jornalístico a ser analisado foi mapeado com relação aos aspectos acima descritos, e outros que podem ser adicionados pelo pesquisador em diálogo com seu referencial teórico, e depois de definir-se os eixos de avaliação, tendo em vista o problema de pesquisa, o momento é de montagem da ficha de leitura/ avaliação. Por se caracterizar como um método quali-quantitativo a análise da materialidade audiovisual pode incluir itens de avaliação previamente identificados pelo autor, com categorias definidas à priori, como aquelas relacionadas à temática; caracterização das fontes de informação (governo, oposição, iniciativa privada, especialista,

¹¹ Também nessa perspectiva outras articulações possíveis seriam com a percepção dos gêneros ou estilos televisivos, dos modos de endereçamento ou ainda do tom de cada materialidade a ser investigada, em conceitos abordados por Simone Rocha, Itania Gomes, e Elizabherh Bastos Duarte, respectivamente.

cidadão); presença ou não de pontos de vista conflituais, de inserção de arte, entre outros. Em geral esses marcadores poderiam ser quantificados, mas também avaliados qualitativamente, à depender dos objetivos da pesquisa. Outros itens podem envolver uma avaliação mais aberta, construída à partir da descrição de aspectos que caracterizem aquela materialidade audiovisual como única, ou relacionada a um conjunto de produtos ou marcadores próprios do campo do telejornalismo.

Estabelecida e testada a ficha de leitura, a partir de uma análise preliminar de uma parte do objeto empírico a ser analisado, a etapa seguinte é de estabelecimento da amostra a ser investigada, e posterior obtenção/digitalização/armazenamento do materialidade audiovisual a ser investigada. Em nosso país, como apontam Antônio Brasil e Samira Frazão (2012), a questão do acesso ao acervo audiovisual das emissoras de televisão ainda constitui-se como um desafio, a que os pesquisadores tem enfrentado de formas diversas. Em alguns casos a equipe de pesquisa realiza a gravação do material direto da televisão ou de transmissão via *streaming*, com gravação em mídia própria. Outras vezes a alternativa é recorrer a repositórios de compartilhamento online, como os canais das próprias emissoras, ficando nesse caso o pesquisador sujeito a uma outra circunstância de emissão/ seleção operada pelos realizadores, e que pode interferir na amostra a ser efetivamente pesquisada, e também nos resultados obtidos.

De maneira geral o tipo de amostra a ser constituída, inspirada em critérios da análise de conteúdo, deve garantir aspectos como: representatividade do(s) produto(s) objeto(s) de investigação; exaustividade; disponibilidade; pertinência aos objetivos e parâmetros da pesquisa; periodicidade de produção/ veiculação do material investigado. Muitas vezes a opção é realizar a análise de um programa jornalístico em particular, uma única materialidade audiovisual, o que não fragiliza a pesquisa, embora as questões respondidas também devam nesse caso relacionar-se exclusivamente ao produto investigado, cuja relevância e pertinência seria explicitada anteriormente. Mesmo nesses casos porém, as etapas anteriores da análise, aqui discriminadas, permitiriam eventualmente a realização de inferências e deduções.

Definidos eixos de avaliação, ficha de leitura, amostra e armazenamento do material, a etapa seguinte é a realização da análise. Além dos aspectos já mencionados, e da eventual montagem de um material de codificação, para os casos de amostras mais robustas, ou da participação de diversos analistas na pesquisa. O fundamental é ainda a realização de registros que busquem na percepção e descrição dos resultados obtidos tomar como objeto

de estudo, e narrativa, as características daquele produto jornalístico audiovisual, nas suas especificidades de linguagem, estilo, proposta. Assim, reconhecemos que essas leituras e interpretação ocorrem em circunstâncias diferenciadas, e particulares de experimentação do jornalismo audiovisual, e os limites metodológicos que tal distinção implica. Apesar disso, explicitar e problematizar esse percurso permite aos leitores da narrativa científica acompanhar os procedimentos adotados, e compreender as razões de tais escolhas, o que contribuiria para aumentar a legitimidade dos resultados, em uma outra promessa que se constrói, agora entre autor(es) do texto científico e seus leitores.

Tais promessas, tecidas a partir da partilha das decisões e procedimentos metodológicos, não seriam exclusivas da análise da materialidade audiovisual como método. Ao invés disso, podem envolver diversas outras formas de investigação e coleta de dados, tais como as entrevistas, a pesquisa em redes sociais que, em última instância, também podem constituir-se em produtos audiovisuais a serem analisados, em diferentes suportes.

Considerações finais

A partir da pesquisa documental e caráter bibliográfico empreendida nesse estudo percebeu-se que em geral as narrativas sobre o telejornalismo realizadas na pesquisa acadêmica ancoram sua credibilidade a partir do estatuto do jornalismo, e mesmo dos procedimentos de objetividade como ritual estratégico. Autores de livros, jornalistas entrevistados, transcrições de trechos dos produtos analisado são inseridos como forma de atestar um valor de verdade, e mesmo de prova ao texto científico.

Em um número significativamente menor, há referência a métodos e técnicas de pesquisa nos estudos analisados, embora nesse caso os autores recorram a procedimentos validados científicamente em outros campos de estudo, como literatura, cinema, ciências políticas, linguística. Seriam essas estratégias válidas, ou melhor, capazes de mobilizar os aspectos diferenciais do jornalismo audiovisual, e de suas questões de pesquisa? Longe de defender-se um isolamento, temático e metodológico, o estudo registrou como um sintoma importante a ser melhor compreendido, em estudos e debates futuro, a ausência de descrição de testes e mesmo de reflexões dos autores quanto às potencialidades e limites implicados na aplicação exógena desses procedimentos na pesquisa em telejornalismo.

Também é forçoso reconhecer o predomínio de um dos componentes da narrativa audiovisual nas narrativas apresentadas a partir das pesquisas empreendidas. Seja por meio da apresentação de fragmentos textuais como evidência de objetividade e de verdade científica, da contagem e/ou explicitação de palavras e discursos enunciados, a dimensão verbal assume um lugar de destaque na forma de narrar o telejornalismo, também nos textos científicos, ainda que em alguns casos seja evidente a tentativa de tradução dos demais componentes do produto audiovisual, sobretudo da imagem.

Apresentamos a análise da materialidade audiovisual como proposta de uma metodologia para chamar de nossa, que busca aproximar-se das especificidades do fazer, investigar e narrar o telejornalismo. Os procedimentos aqui descritos, utilizados pelo grupo de pesquisadores reunidos no Laboratório de Jornalismo e Narrativas Audiovisuais, buscam explicitar aspectos da narrativa telejornalística, preservadas as marcas da materialidade audiovisual que as constituem, tendo como princípio não a decomposição de texto/som/imagem.

Para isso, assim como no fazer telejornalístico, também na pesquisa empreendida parece importante retomar as perguntas, as questões de investigação como principal de abordagem. Diferente das rotinas e práticas profissionais contudo, nas narrativas científicas as dúvidas não podem ser suspensas. Em lugar disso defende-se que nas narrativas acadêmicas sobre o jornalismo televisivo elas sejam enfrentadas e compartilhadas com os leitores por meio da explicitação da abordagem teórico-metodológica, dos procedimentos de seleção de objetos empíricos, coleta e tratamento dados, e de seus limites.

Assim, longe de constituir-se em um método acima de qualquer suspeita, a proposta é que a análise da materialidade audiovisual seja tensionada como procedimento, em seus limites e potencialidades, a cada pesquisa realizada, e narrativa sobre ela, ou ainda, a cada edição de evento. Nesses espaços, assim como na circulação de produtos de jornalismo audiovisual, além dos resultados, também é importante reconhecer quais as promessas e laços assumidos por cada narrativa. No caso das narrativas audiovisuais, esses dados estão inscritos em vinhetas, discursos da emissora e de apresentadores (mediadores), de sua posição na grade de programação, cenário, entre outros aspectos. Ao narrar o telejornalismo em pesquisas, acredita-se que é preciso portanto explicitar os métodos e procedimentos que atuariam como uma espécie de moldura para a janela que se busca abrir para o mundo, do jornalismo audiovisual, a cada pesquisa realizada. A análise da materialidade audiovisual é uma das formas possíveis de olhar, sempre em teste, e desenvolvimento.

Referências

BECKER, Beatriz. Mapeamento das pesquisas em Telejornalismo no Brasil: um estudo da produção acadêmico-científica de 2010 a 2014. In *Famecos* v. 22, n. 4. Porto Alegre: PUCRS, 2015.

_____. Mídia e Jornalismo como formas de conhecimento: uma metodologia para leitura crítica das narrativas jornalísticas audiovisuais. In *Matrizes*, v.5, nr.2, 2012. São Paulo: USP. Disponível em <http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/247/pdf>. Acesso: 08/07/2016.

BRASIL, Antonio & FRAZÃO, Samira Moratti. Reflexões sobre o acesso aos arquivos de telejornais brasileiros. In *Sessões do Imaginário* ano XVII n.28. Porto Alegre: PUCRS, 2012. Disponível em revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/download/12256/8707. Acesso: 09/07/2016.

CASTRO, Daniel. Jornalista da Globo tem ataque de raiva e é xingada em protesto no RJ. In *Notícias da TV*. São Paulo: UOL. Disponível em <http://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/jornalista-da-globo-tem-ataque-de-raiva-e-xingada-em-protesto-no-rj-3151#ixzz4ElHP8eZT>. Acesso: 10/7/2016.

COUTINHO, Iluska. A produção social do Telejornalismo: Um olhar sobre os estudos acerca da oferta de conhecimento nos noticiários de TV. *Anais do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Recife: Intercom, 2011. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-1275-1.pdf>. Acesso: 13/07/16.

EMERIM, Cárilda. Telejornalismo e Semiótica Discursiva. In VIZEU, Alfredo; MELLO, Edna; PORCELLO, Flávio & COUTINHO, Iluska (orgs). *Telejornalismo em questão*. Florianópolis: Insular, 2014. pp.93-119.

FAUSTO NETO, Antônio. Jornalismo: sensibilidade e complexidade. In *Revista Galáxia*, São Paulo, n. 18, p.17-30, dez. 2009. Disponível em <http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/viewFile/2030/1670>. Acesso: 20/5/2015.

GENETTE, Gérard. *Paratextos Editoriais*. Tradução de Álvaro Faleiros. Cotia/SP: Ateliê, 2009

JOST, François. *Compreender a televisão*. Porto Alegre: Sulina, 2007.

MELLO, Edna. Panorama da Pesquisa Científica em Telejornalismo: os congressos como espaço de difusão e consolidação do campo. *Anais do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Foz do Iguaçu: Intercom, 2014. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-0655-1.pdf>. Acesso: 13/07/16.

PORCELLO, Flávio; Alfredo, VIZEU & Iluska, COUTINHO. *#telejornalismo: nas ruas e nas telas*. Florianópolis: Insular, 2013.

TEMER, Ana Carolina Pessoa. Desconstruindo o telejornal: um método para ver além da melange informativa. In VIZEU, Alfredo; MELLO, Edna; PORCELLO, Flávio & COUTINHO, Iluska (orgs). *Telejornalismo em questão*. Florianópolis: Insular, 2014. pp. 27-52.

VERÓN, Eliseo. *Fragmentos de um tecido*. São Leopoldo: UNISINOS, 2004.